

*Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, p. 159-178, 1998.

## ESCRITA DO *CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA*: FONÉTICA OU ORTOGRÁFICA?

Gladis Massini-Cagliari\*

**RESUMO:** Existe, dentre a maioria dos estudos desenvolvidos por filólogos interessados no português arcaico, uma crença de que a escrita do português, nessa época, era fonética, ou seja, procurava transcrever fielmente os sons da fala de quem produzia o texto. Neste artigo, discutem-se alguns aspectos importantes da escrita do português arcaico, através da análise do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*. Questiona-se a classificação da escrita dessa época como *fonética*, apresentando argumentos favoráveis a considerá-la, já nessa época, como *ortográfica*.

**Palavras-chave:** português arcaico, sistemas de escrita, escrita fonética, ortografia.

Um dos primeiros problemas que se enfrenta quando se pretende trabalhar com textos antigos manuscritos diz respeito à decifração da sua escrita. Percebe-se logo que o padrão de escrita, de maneira geral (ortografia, pontuação, uso de acentos e diacríticos, etc.) difere muito do uso que se faz desses recursos hoje em dia. Tais fatos fazem com que um primeiro contato com os dados seja uma tarefa muito difícil, até que se consiga apreender os padrões e usos dos recursos da escrita da época escolhidos pelo autor do manuscrito. Os fatos não são diferentes em relação ao *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (de agora em diante, CBN), cuja escrita evoca muitas indagações a uma primeira vista e, mesmo depois de muito tempo e estudo, dúvidas a respeito da decifração de alguns trechos ainda restam, até mesmo para especialistas dos mais renomados. Quando se pretende trabalhar com o texto original, um estudo preliminar da sua escrita é absolutamente imprescindível, para que as dificuldades e armadilhas criadas por problemas de decifração possam ser vencidas.

---

\* Universidade Estadual Paulista (Araraquara)

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica?*

Existe, dentre a maioria dos estudos desenvolvidos por filólogos interessados no português arcaico, uma crença de que a escrita do português, nessa época, era fonética, ou seja, procurava transcrever fielmente os sons da fala de quem produzia o texto. Esta crença pode ser encontrada em Michaëlis de Vasconcelos (1912-3, p. 37):

*“Nas palavras populares, herdadas, de origem evolutiva, houve, nos princípios da língua, ortografia sensatamente fonética, quer elas se afastem sensivelmente dos padrões originais, quer não se afastem nada ou quasi nada, em virtude de sua estrutura singela. Escreviam o que proferiam – tão perfeita ou imperfeitamente como o admitem os vinte e cinco caracteres do alfabeto também herdado – insuficiente para simbolizar bem os sons novos adquiridos no território lusitano: j, x, lh, nh e as ressonâncias nasais. (...) No Cancioneiro membranáceo da Ajuda não há (...) senão grafias fonéticas.”*

em Coutinho (1954, p. 67):

*“Período fonético – Começa este período com os primeiros documentos redigidos em português e se estende até o século XVI. Apesar de certa flutuação que se observa na grafia das palavras, a preocupação fonética transparece a cada momento. A língua era escrita para o ouvido.”*

*“Coincide este período com a fase arcaica do idioma. O objetivo a que visavam os escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível exata, da língua falada.”*

e em Nunes (1969, p. 193):

*“Período fonético. Caracteriza este período a representação, pelas letras, dos sons que elas realmente representavam, consoante a evolução por eles sofrida, e a ausência, em geral, de caracteres não proferidos. Verdade seja que essa representação nem sempre acompanhou pari passu as alterações que se foram dando e por vezes conservou-se antiquada em relação ao desenvolvimento da língua.”*

Entretanto, não eram somente os antigos filólogos que acreditavam em um sistema de escrita puramente fonético – ou *alfabético* (cf. Massini-Cagliari, 1993, p. 20) – para representar o português nas suas primeiras manifestações escritas. Esta crença perdura até os dias de hoje, em trabalhos bastante recentes. Veja-se este trecho de Haury (1989, p. 32):

*Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, p. 159-178, 1998.

*“A ortografia arcaica era essencialmente fonética, embora raramente transparecessem tendências etimológicas na pena de alguns escribas, acostumados a trasladar e redigir documentos em latim medieval.”*

Até mesmo em trabalhos conceituadíssimos, como o de Silva Neto (1957[1986]), pode ser encontrada esta crença em relação à escrita dos Cancioneiros, uma vez que poucos estudos a este respeito foram efetuados e que a maioria dos filólogos e lingüistas continuou a se fiar nos trabalhos pioneiros de Michaëlis de Vasconcelos – como o faz Silva Neto (1986, p. 412):

*“A grafia era fonética, procurava espelhar fielmente a pronúncia do tempo.”*

Mas pode a escrita do CBN ser considerada realmente fonética ?

O problema em se classificar a escrita do CBN consiste na dificuldade de definição de “escrita fonética”. Se se define como “fonética” uma escrita por oposição a um tipo mais “etimológico”, a resposta dada pelos filólogos a esta pergunta talvez fosse sim. No entanto, o uso do termo “escrita fonética” é bastante infeliz neste caso, pois traz sempre consigo, mesmo quando não se quer, a acepção de “transcrição fiel dos sons da fala”. Deste ponto de vista, a resposta à pergunta formulada acima é **não**.

Segundo Cagliari (1990), para que uma escrita seja puramente alfabética (*fonética*) ou mesmo de base fonética (como afirma Hauy, 1989), é preciso que o **princípio acrofônico**<sup>1</sup> seja sempre seguido e que

---

<sup>1</sup> O princípio acrofônico estabelece que, no **nome** das letras, já se encontra o som que elas representam. Segundo Cagliari (1990, p. 4):

*“Inicialmente, as relações entre letras e sons foram estabelecidas através do princípio acrofônico, pelo qual o valor fonético da letra coincidia com o primeiro som do nome da letra, como em ‘Alef (oclusiva glotal), Beth (oclusiva bilabial sonora), etc. Tal princípio permaneceu em grego, com a atribuição de sons vocálicos a algumas letras, como em ALFA (vogal ‘a’), BETA (oclusiva bilabial sonora), etc. Os romanos levaram o princípio acrofônico mais longe, dando por nome às letras apenas o som que deviam representar, como nós fazemos até hoje: A, Bê, Cê, etc.”*

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica?*

a escrita funcione como transcrição fonética. Neste caso, as relações entre letras e sons seriam sempre as mesmas: a cada letra corresponderia um e somente um som e vice-versa. Mas vários fatos observados na escrita do CBN atestam que, juntamente com o princípio acrofônico, outras forças estariam regendo o sistema, além do fato de a escrita do CBN basear-se na escrita latina (*ortográfica* e *não fonética*) como princípio de partida. Uma característica da escrita do CBN que prova que a representação do latim em escrita era bem conhecida e tomada como base pelos trovadores (ou pelos copistas) é a manutenção de certas abreviaturas que, segundo Bueno (1963, p. 117), eram comuns na escrita latina:

“... o traço (-) colocado em cima da letra indica sempre um M ou N; o traço ondulado indica a falta de r; um sinal parecido ao nosso 9 significa US; outro semelhante ao nosso 7 quer dizer ER ou RE, etc.”<sup>2</sup>

Dentre os fatos observados no CBN, que afastam a sua escrita de um princípio acrofônico puro, pode ser citado inicialmente o fato de várias letras (ou letras acompanhadas de diacríticos) poderem ser usadas para representar o mesmo som. O caso do [ɲ] merece relevo. Vejam-se os exemplos abaixo:<sup>3</sup>

	{	ñH	passaĩhas (564)
		ñ	mãsseliã
[ɲ]	{	LMH	mansselmha (720) <sup>4</sup>
		H	gaahades (562)
		h	bañauã (641)

<sup>2</sup> Este levantamento e a descrição das abreviaturas feitas por Bueno referem-se à escrita latina. Como será visto, muitas delas se mantêm no CBN.

<sup>3</sup> O número entre parênteses indica a cantiga da qual o exemplo foi extraído. A numeração das cantigas corresponde à presente no CBN.

<sup>4</sup> Interpretado por Nunes (1973) como “manselinha”. Talvez se trate de um erro do copista (que provavelmente não era português, mas italiano), que pode ter interpretado a sequência *in* como *m*.

Alguns sons vocálicos, no CBN, também podem ter diversas representações gráficas, como atestam os exemplos abaixo, relativos ao som [i].

[i]	{	i	(565) <sup>5</sup> , mais (1035), moirer (681), hi (1268)
		j	uj (1051), mj (673)
		y	uy (846), mays (1035), hy (1025), sy (554), ey (565), dey (1232), uyu (574), muy (560), aly (666)
		h <sup>6</sup>	sabha (798) <sup>7</sup> , dormha (1033) <sup>8</sup> , dormho (700) <sup>9</sup> , mha (574) <sup>10</sup> , soberuha (626)

Entretanto, pode ser formulada a hipótese de que a letra *i*, listada acima como representante do som [i], poderia também representar um som fricativo palatal sonoro – [ʒ]. Se esta hipótese pudesse ser comprovada, este seria um forte argumento contrário à classificação da escrita do CBN como fonética. Porém, mesmo sem poder ser comprovada com certeza, a hipótese ganha força na medida em que, nos exemplos abaixo, as palavras do primeiro grupo mantêm até os dias de hoje o som de [i], enquanto que as do segundo grupo apresentam, atualmente, o som de [ʒ] no ponto em que o português arcaico grafava um *i*.

<sup>5</sup> Do verbo *veer* (grafado, no CBN, preferencialmente como *ueer*).

<sup>6</sup> Somente em ditongos crescentes.

<sup>7</sup> Forma do subjuntivo presente, primeira ou terceira pessoa do singular.

<sup>8</sup> Forma do subjuntivo presente, primeira ou terceira pessoa do singular.

<sup>9</sup> Forma do indicativo presente, primeira pessoa do singular.

<sup>10</sup> A respeito do possessivo *mha*, diz Michaëlis de Vasconcelos (1912-3, p. 409):

*“Quanto ao possessivo mha mho eu já expliquei que era proclítico, tinha acento na última vogal e que os Castelhanos também pronunciavam miá, mió, sempre monossilábicos. Segundo as leis da ditongação antiga, o acento recaía na vogal mais forte e sonora, e não na semivogal i. Existia todavia a forma absoluta mía bissilábica, colocada depois do substantivo. A princípio mhá senhor mas senhor mía. É a rima (com folia, etc) que autentica essa pronúncia.”*

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica?*

i      ɹ [i] ?    ui (565), mais (1035), fiz (848), mi (1196)  
ɹ [ɹ] ?    ia (1215), iaz (1179), iurado (557), iazia (558), desejo (595), aia (559), iogadores (755), seio (557)<sup>11</sup>, ueia (554)<sup>12</sup>

Outra letra a respeito da qual existem dúvidas quanto ao fato de ela representar apenas um ou mais sons é a letra z. Estas dúvidas, difíceis de serem resolvidas, foram esquematizadas a seguir:

z      [s] ?    corazõ (571), assaz (580), juyz (1015), fiz (848)  
         [z] ?    miserar (1039), fazer (1166), prazo (566), dizede (572)

Além dos fatos de várias letras poderem representar o mesmo som e a mesma letra poder representar sons diferentes, outro fato que constitui um argumento contra a classificação da escrita do CBN como fonética é a possibilidade de representar de maneiras diferentes o mesmo fenômeno fonético não-segmental – como ocorre com a nasalidade, que pode ser representada por um til colocado sobre a vogal que se nasaliza, por uma consoante nasal colocada após a vogal que se nasaliza, ou, ainda, pode aparecer representada sem marca alguma.<sup>13</sup>

til:<sup>14</sup>                metiũ (566), cãtar (778), te) (1031), cõ (554), cãtavã (641), entẽdẽ (570), cõvem (373), bõ (565)  
consoante nasal: mentiu (566), en (1257), nen (558), entẽdẽ (570), cõvem (373), enton (665)  
sem marca:        metio (566)

---

<sup>11</sup> Do verbo *seer*.

<sup>12</sup> Do verbo *veer*.

<sup>13</sup> Esta conclusão está de acordo com as observações de Coutinho (1954, p. 68):

*“A nasalização era representada de várias maneiras: por ~ (til), por “ (dois acentos), por m e n. Não é sem exemplo encontrarem-se vocábulos que contenham vogal nasal, sem o sinal de nasalização, por negligência dos copistas: divisoes = divisões.”*

<sup>14</sup> Mattoso Câmara Jr. (1975, p. 63 – nota de rodapé) lembra que, além de representar nasalidade, “o til era usado (...) como abreviatura de r e de q”.

Outro argumento contrário à classificação da escrita do CBN como fonética é o fato de a mesma letra (ou o mesmo grupo de letras) poder assumir funções diferentes, dentro do sistema de escrita adotado. Os casos típicos, no CBN, são o uso do H e das letras duplas.

Pode-se dizer que a letra H, no CBN, assume três funções diferentes:

1. funciona como um *coringa* que, quando colocado após uma consoante, serve para modificar o seu ponto de articulação. Tipicamente, o H, quando colocado depois de N, L e C, serve para representar os sons de [ɲ], [λ]<sup>15</sup> e [ʃ].

Ex.: hunha (674), sanha (569), sonhey (865), assanhey (629), conhocer (652), punhaua (1032)

ualha (570), semelhar (709), filhou (708), marauilhada (573)  
chus (753)

2. funciona como letra muda.

Ex.: hy (1025), hu (563), hir (575-6), hi (572), hirã (735), recehey (1265), ueherom (681)

3. representa algum som:

a) [i], quando precede uma vogal, em ditongos crescentes.

Ex.: soberuha (626), mha (574, 582), sabhã (1204)

b) [ɲ], quando aparece precedido e seguido de vogal:

Ex.: gaahades (562), bañavã (641).

Por sua vez, as letras duplas também podem assumir três funções diferentes.

1. Consoantes duplas representando um só som.

Ex.: ffroles (817), ffossado (817), ffoy (817), ffe (640), affam (836), deffenda (826)

---

<sup>15</sup> Foi encontrado um caso em que o som de [λ] talvez possa estar representado apenas pela letra L – *tolestes* (641). Neste caso, a letra L estaria representando dois sons distintos, o que seria mais uma evidência contrária à consideração da escrita do CBN como fonética.

ssey (852), ssẽ (1286-7), assaz (580), conselhado (702)  
rrẽ (1163), morrera (580), terrã (1258), rrazoada (1098)

2. Vogais duplas representando dois sons (hiato).<sup>16</sup>

Ex.: ueer (553), uijr (560), seera (568), mercee (574), creerey (577), ueestes (650), doo (688), soo (688), boom (1161).

3. Estabelecimento de oposição entre consoantes duplas e simples, menos no contexto de início de palavras. Como todas as hipóteses a respeito da pronúncia do português arcaico, esta é de difícil comprovação, podendo esta última basear-se apenas nas formas originadas por elas, que constam do português atual.

Ex.: RR e R:

morrera (580), guarecer (581), sera (581), uirõ (572), terrã (1258)

SS e S:

assaz (580), casa (592), pesasse (562)

Mas o argumento mais contundente contra a classificação da escrita do CBN como fonética é o fato de existirem diferentes grafias para a mesma palavra (às vezes até dentro dos limites da mesma cantiga). Os exemplos que atestam este fato são inúmeros. Serão apresentados, abaixo, apenas alguns, como ilustração.

tam (558) – tan (558) – tã (833)  
e (556) – he (615)  
ia (554, 1215) – ya (832)  
nen (833) – nẽ (833)

---

<sup>16</sup> Em geral, as vogais duplas formam um hiato. Mas o que esclarece com certeza a respeito do fato de estas vogais estarem representando um (vogal simples) ou dois sons (hiato) é a estrutura métrica do poema. Em outras palavras, é observando o número de sílabas de cada verso que se sabe se o trovador está considerando uma seqüência de vogais idênticas como hiato ou como uma única vogal.



ui (565) – uj (1051) – uy (846)  
mentiu (566) – mētiu (566) – metio (566)  
enmētoume (639) – ěmentar (639)  
alguen (740) – alguẽ (740)  
ba ffordar (755) – bafordar (755)  
peor (786) – peyor (728)  
uir (1043) – uijr (1043) – ueir (1168)  
iram (1153) – irã (1153)  
enpar (1169) – ěpar (1169)  
qiria (556) – queiria (556)  
nunca (554) – nũca (560)  
uyuede (681) – uiuede (681)  
louçana (565) – louçaa (679)  
mundo (743) – mũdo (743)  
hũa (745) – hunha (674)  
foleya (755) – folya (755)  
uiinde (777) – uijnde (777)  
ome (795) – homen (795)  
nauio (817) – nauyo (817)  
meios (834) – me<sup>9</sup> (834)<sup>17</sup>  
teen (1024) – ten (1024)  
mentia (1039) – mētia (1039)  
errmanas (1285) – hirmana (1298) – irmana (1285, 1298)  
– irmaa (664)  
hu (1147-bis) – uũ (1147-bis)  
mẽçades (1269) – mencades (1269)  
mano (1298) – maão (1298)

---

<sup>17</sup> O símbolo que se assemelha a um 9 sobrescrito é abreviatura de “os” (átono).

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica?*

adubastes (1299) – adoubastes (1299)

rrẽ (1163) – ren (938) – rẽ (547) – rem (686) – rren (714) – rrem (868-70)

bẽ (697) – be (681) – bem (714) – ben (682)

Os fatos apontados acima mostram que não é somente porque uma escrita é feita a partir de um alfabeto (um conjunto de letras acrescido de um princípio acrofônico) e possui uma certa flutuação ortográfica que ela pode ser automaticamente classificada como fonética, que transcreve os sons realmente emitidos pelo falante quando escreve. Estes fatos mostram que há algo a mais atuando como força reguladora da escrita do CBN. Este “algo a mais” consiste na consideração da noção de ORTOGRAFIA.

Como pode ser visto em Cagliari (1986, 1993 e 1994), o sistema ortográfico possui muitas características em comum com o sistema alfabético puro (ou fonético), mas uma diferença fundamental. As semelhanças incluem o uso de um alfabeto, do princípio acrofônico e o ponto de *partida* para a representação – os sons da fala. A diferença crucial está no ponto de *chegada*.

No sistema alfabético-fonético, o ponto de partida para representação do signo lingüístico é o significante. No processo da escrita, através do princípio acrofônico, são representados os sons das palavras. No processo inverso, o da leitura, em um sistema alfabético-fonético, o leitor reconhece primeiramente os sons das letras, a palavra, para depois fechar o ciclo e reconhecer o significado.

Por outro lado, em um sistema ortográfico, como a escrita do português utilizada atualmente, o significado já é considerado desde a representação da palavra. Um exemplo disso é que, nos dias de hoje, para escolhermos entre as formas “conserto” e “concerto”, por exemplo, temos que considerar de antemão o significado da palavra que vamos escrever. Este fato evidencia uma das diferenças cruciais entre a escrita fonética e a ortográfica – o deslocamento da unidade básica: na escrita fonética, a unidade básica é o segmento; na escrita ortográfica,

fica, a **palavra**. Esta característica confere ao sistema ortográfico um caráter híbrido: é de base fonográfica, mas possui características ideográficas (formas congeladas para as palavras, compostas por letras, mas que, também, revelam algo a respeito do significado da palavra representada). Além disso, no sistema ortográfico, a relação entre letras e sons não é dada somente pelo princípio acrofônico (nome das letras); o princípio acrofônico fornece apenas *uma* das possibilidades. No sistema ortográfico, o que estabelece a relação entre letras e sons é a ORTOGRAFIA das palavras – ou, em outras palavras, o conjunto de todas as relações entre letras e sons (e entre sons e letras) estabelecidas em todas as formas congeladas escolhidas para todas as palavras da língua. Além do mais, em um sistema ortográfico, as relações estabelecidas entre letras e sons não são iguais às relações entre sons e letras, como ocorre no sistema alfabético-fonético. Os exemplos apresentados anteriormente comprovam que isto é o que realmente acontece na escrita do CBN.

O exposto no parágrafo acima mostra que, em um sistema ortográfico, os sons não precisam ser transcritos foneticamente, bastando serem transcritos de maneira a permitir a leitura, ou seja, o reconhecimento da palavra, enquanto unidade da escrita. Ao reconhecer a palavra, o falante da língua estará automaticamente reconhecendo o seu significado e os sons envolvidos na sua pronúncia.

Uma prova disso é o fato de poderem ser usadas abreviaturas, no sistema ortográfico (mas não no fonético). Em relação ao CBN, o uso freqüente de abreviaturas pelos trovadores é mais um argumento que favorece a classificação do seu sistema de escrita como ortográfico. Uma pequena amostra das abreviaturas usadas pelos trovadores no CBN é dada abaixo:

q̃ = que (e não “quem”)<sup>18</sup>

q̃r = quer (865)

---

<sup>18</sup> quẽ = quem. Ex.: daquẽ (632).

<sup>9</sup> = os (átono). Ex.: uos = vós (tônico); u<sup>9</sup> = vos (átono)  
âb<sup>9</sup> (743), hyrm<sup>9</sup> (587), souberm<sup>9</sup> (601),  
punhem<sup>9</sup> (735), baylarem<sup>9</sup> (735), leixem<sup>9</sup>  
(708), falem<sup>9</sup> (736)

dš = Deus (555)  
preq̃ = por que ? (566)  
q̃rra = querrá (575-6)  
busq̃y = busquei (575-6)  
pfaz = perfaz (1093)  
diž = dizer (681)  
pdoarey = perdoarei (709)  
siq̃r = siquer (742)  
q̃redes = queredes (556)  
ptirades = partirades (558)  
q̃festes = quisestes (558)  
gsado = guisado (555)  
q̃serdes = quisersdes (558)  
p'guntades, p̃gūtades = preguntades (568)  
esq̃uo = esquivo (585)  
đeito = dereito (594)  
q̃brāto = quebranto (596)  
encob'sse = encobrisse (604)  
q̃sesse = quisesse (604)  
senp" = sempre (651)  
m̃cee = mercê (710)  
q̃jera = quisera (265)  
q̃te = quite (728)  
pdendo = perdendo (732)  
pfia = perfia (740, 1202)

poð'am = poderam (836)

q̃xosa = queixosa (1240)

g̃cir = gracir (669)

Quando se estudam fenômenos lingüísticos a partir de textos antigos escritos ortograficamente, como o CBN, a maior dificuldade consiste em descobrir a pronúncia das palavras, por trás da ortografia. É uma ausência crucial que impede a descoberta da pronúncia exata (ou das pronúncias possíveis) de textos antigos: a ausência do **falante nativo**.<sup>19</sup> Como a escrita do CBN é ortográfica (como a dos outros documentos em português arcaico), a sua leitura pode ser feita até os dias de hoje, sem prejuízo, porque, apesar de a pronúncia exata dos vocábulos não ser conhecida, é fácil o reconhecimento do seu significado. Isto ocorre também por causa de uma das funções básicas da ortografia, que é anular a variação lingüística, no nível da palavra. É esta anulação da variação lingüística que permite que os sons não precisem ser transcritos conforme pronunciados, mas de uma maneira tal que a leitura seja permitida. É necessário que a variação seja anulada para que a leitura esteja garantida a todos os falantes da língua, qualquer que seja o seu dialeto.

Sendo assim, nunca será possível fazer afirmações com certeza a respeito de fenômenos segmentais do português arcaico porque nunca será conhecida a realização fonética dos dados obtidos através da escrita: só o falante nativo sabe como era pronunciado o português arcaico. Por causa da inexistência de falantes nativos de línguas mortas ou de estágios passados de línguas vivas e da natureza do sistema de escrita dos documentos relativos ao período arcaico do português, é sempre muito perigoso fazer afirmações sobre a sua pronúncia, respaldadas somente nas flutuações ortográficas encontradas nestes do-

---

<sup>19</sup> Embora o falante nativo não esteja ausente dos textos escritos, minúcias a respeito da pronúncia de segmentos só podem ser esclarecidas a partir da linguagem oral e, portanto, a partir da sua presença física (ou da sua voz, através de gravações).

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica?*

cumentos. Porém, radicalizar no outro sentido, ou seja, dizer que nenhuma hipótese a respeito da pronúncia pode ser feita, é também muito perigoso, além de ser uma postura de menosprezo em relação à única fonte (textos escritos) que temos desse momento histórico da língua. Entretanto, é possível, através do levantamento de evidências de outra natureza que não meramente de escrita, tornar hipóteses mais ou menos prováveis. Portanto, afirmações do tipo das apresentadas abaixo (feitas em relação à análise de outros textos em português arcaico ou com base em análises efetuadas por terceiros) são de difícil comprovação:

*“a) Fazia-se distinção entre s e z intervocálicos pronunciando-se diferentemente, consoante a sua origem, palavras como coser e cozer.*

*b) O z final ou medial antes de consoante surda, que hoje equivale ao som de s fraco, tinha o valor de ç, distinto, portanto, do s final.” (Hauy, 1989, p. 39)*

*“Na 1ª fase do português arcaico fazia-se perfeita distinção entre o valor do s e ç, s (intervocálico) e z, ch e x.” (Hauy, 1989, p. 38)*

*“No português arcaico, fazia-se distinção perfeita entre o valor do s e ç, do s intervocálico e z, do ch e x.” (Coutinho, 1954, p. 61)<sup>20</sup>*

Tão complicada é a comprovação das hipóteses acima que existem até mesmo hipóteses contrárias a estas, formuladas por outros estudiosos, sobre o mesmo assunto. Um exemplo é a hipótese de Cunha (1956) a respeito das letras x, s e z. Para ele, estas letras podiam representar o mesmo som, em vários contextos. Estas afirmações suas a respeito do nome Codax comprovam este fato:

*“De todo improvável é, porém, a hipótese (...) segundo a qual a palavra seria paroxítona e equivalente a Coda, plural de coda, forma ainda viva na região de Ribadeo (Galiza) e Tápia (Astúrias). As grafias Codax e Codaz dos cancioneiros nenhum empecilho poderiam trazer a tal explicação, pois que nêles e em outros documentos galegos e portugueses da Idade Média há completa confusão gráfica entre -x, -z e -s.” (Cunha, 1956, p. 16)*

---

<sup>20</sup> No entanto, o próprio Coutinho (1954, p. 70) reconhece que a letra s “substituía às vezes o c ou ç: sima = cima, composisom = composição”.

*Filologia e Lingüística Portuguesa*, n. 2, p. 159-178, 1998.

*Com exceção de VARNHAGEN, que escreve CODAZ, os editôres da lírica medieval portuguesa adotam a grafia predominante nos códices, embora, de regra, admitam que os símbolos -x e -z representem o mesmo fonema.*" (Cunha, 1956, p. 14)

Existem, porém, afirmações que, por estarem baseadas na observação de outros fenômenos lingüísticos, além da grafia dos documentos, são menos radicais e, portanto, mais prováveis:

*"Até o século XVI o s intervocálico diferenciava-se de z na pronúncia literária geral, como ainda hoje se diferença em alguns falares das províncias."* (Vasconcellos, 1959, p. 222)

*"Também se distinguem cuidadosamente ss e ç e s, ch e x: assim é que prez, fez, vez, sandez, etc., nunca rimam com mês, três, medês, pês (< penset); nem tampouco as-saz, faz, praz, solaz com darás, atrás, Satanás, etc., ou diz, fiz, raiz, fiiz (< felice) com quis, Denis, lis, Paris; franqueza, riqueza com presa (isto é, -itia, com -ensa)." (Silva Neto, 1957[1986], p. 412)*

Também faz parte do grupo que procura informações lingüísticas outras que não apenas a ortografia do documento a seguinte afirmação de Naro (1973, p. 47):

*"...vimos que o português anterior ao século XVI provavelmente tinha [e o] pós-tônicos diante de pausa apenas."*

No caso do trabalho citado, as conclusões são tiradas com base na coleta, observação e confronto de afirmações de gramáticos e ortografistas da época – ou anteriores à época analisada. Segundo Naro (1973, p. 26), em afirmação com a qual concordamos:

*"Seria um obscurantismo puro desprezar os gramáticos e ortografistas desse período e não considerá-los fidedignos."*

Naro (1973) também chega à conclusão acima a partir da observação de vários outros fenômenos da língua, atuais ou não, que possam sustentar a sua argumentação: (1) palavras tomadas de empréstimo

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica?*

do português, pelo malaio, presumivelmente no século XVI; (2) transcrições fonéticas do português em certas peças espanholas do século XVI; (3) geografia dialetal; (4) evidências a partir de dialetos “arcaicos”, principalmente do dialeto caipira de São Paulo; (5) remanescentes fossilizados de formas antigas; e (6) afirmações explícitas em gramáticas do século XVI em diante.

Infelizmente, podem ser encontradas, até em trabalhos recentes, conclusões apressadas e perigosas a respeito da escrita do português arcaico, baseadas na velha crença de que a escrita do português nesta época era fonética e no desconhecimento da verdadeira natureza das escritas fonética e ortográfica. Uma dessas conclusões apressadas é a de Haüy (1989, p. 34):

*“desaparecimento de letras inúteis: não havia letras inúteis (exceto nos dígrafos qu e gu); o h etimológico ou não e as geminadas com valor de singelas de um modo geral desapareceram.”*

O próprio uso da expressão “letras inúteis” demonstra a crença da autora no caráter fonético da escrita do português arcaico e o seu desconhecimento da natureza de um sistema ortográfico – em um sistema ortográfico, não existem “letras inúteis”. Além disso, as suas observações a respeito do uso do H e das geminadas podem ser falseadas a partir das observações a respeito da escrita do CBN apresentadas anteriormente.

Tudo o que foi exposto acima aponta para o fato de a escrita do CBN ser *ortográfica* (cf. Cagliari, 1986, 1993 e 1994; Massini-Cagliari, 1993). A única diferença entre a escrita do CBN e a atual escrita ortográfica do português é que, naquela época, a ortografia não era **unificada**. Pode-se dizer que havia até uma certa normatização, mas esta era restrita a grupos (ou, às vezes, até a uma única pessoa) – o que fazia com que houvesse muitas ortografias para o português arcaico. A este respeito, Mattos e Silva (1989, p. 47-8) afirma:

*“Em nenhum momento na construção de uma gramática do português arcaico se pode perder de vista o facto de que se está trabalhando com documentação escrita, em uma*



*fase histórica em que não havia normas ortográficas gerais e obrigatórias. É possível que se possam inferir normas ortográficas vigentes em certos centros onde se produziam mais intensamente manuscritos. Um trabalho prévio e fundamental será a tentativa de depreensão de constantes ortográficas próprias a centros de cópia como Alcobaça, Santa Cruz de Coimbra, a diocese de Braga. Muito, no entanto, ficaria de fora, uma vez que grande parte da documentação literária medieval não se sabe onde foi escrita, isto é, não é claramente localizada.”*

Para os estudos de lingüística histórica, é justamente a ausência de uma norma única, ou seja, da unificação de ortografias, que faz com que seja possível fazer algumas observações a respeito do sistema fonológico do português arcaico – não o fato de sua escrita ser supostamente fonética. Mesmo assim, não é possível apresentar o sistema fonêmico do português arcaico, com base em estudos de textos escritos, pela própria natureza da escrita ortográfica. Os fenômenos fonológicos passíveis de serem melhor observados em escritas desse tipo dizem respeito mais a fenômenos não-segmentais (ou fenômenos segmentais regidos por processos efetuados supra-segmentalmente). Porém, nesses casos, o que mais ajuda a observação desses fenômenos não é o sistema de escrita, mas a estrutura métrica dos poemas. A este respeito, comenta Mattos e Silva (1991, p. 48):

*“A documentação poética é testemunho singular para se depreender alguns aspectos referentes às realizações fônicas. A rima e a métrica sugerem algumas interpretações sobre elisões vocálicas, ditongos, hiatos, também sobre o timbre vocálico – aberto ou fechado, oral ou nasal.”*

Também, como foi mostrado em Massini-Cagliari (1995), a observação da estrutura métrica das cantigas é crucial para determinar a posição do acento na última palavra do verso – focalizada primeiramente para o estabelecimento das regras de atribuição do acento de palavras no português arcaico, a exemplo do que fizeram Halle & Keyser (1971), para o inglês. Além disso, a observação da disposição dos acentos nos versos, da rima e da estrutura paralelística (em algumas cantigas) é fundamental para o estudo do ritmo da língua por trás dos poemas. Além destes, outros fatores podem ser observados para a

compreensão do ritmo do português arcaico, como, por exemplo, a segmentação da escrita (efetuada por espaços em branco) e a supressão de vogais – dois fenômenos interligados. Em geral, a segmentação no CBN segue os mesmos princípios da do nosso sistema de escrita atual, mas difere dele em alguns pontos cruciais – a marcação das elisões, a união de palavras (mesmo quando não ocorre elisão) e a separação de partes de palavras por espaços, o que pode revelar estratégias de segmentação prosódica da língua. A seguir, encontram-se alguns exemplos de segmentação diferente da usada no nosso sistema atual de escrita.

edessy = e de si (1179)  
desaqui = des aqui (561)  
ponele = pon (põe) ele (570)  
preytassi = preito assi (559)  
podala = pode alá (573)  
veheromhoradiž = vieram-me ora dizer (681)  
false desleal = falso e desleal (583)  
des asperasse = desasperasse (604)  
mescaecesse = me escaecesse (604)  
noy te = noite (832)  
avela neyras = avelaneiras (879)  
entẽ dedor = entendedor (1092)  
mha agradecer = me agradecer (667)  
Meu amigo nõlho uso falar = non lhe ousar falar (659)

Todos os argumentos arrolados acima e a discussão que deles se fez apontam para a conclusão de que não é possível considerar a escrita do português arcaico, na sua fase trovadoresca (aqui focalizada, através da consideração do CBN como seu representante), como fonética, devendo, mais acertadamente, ser considerada tão ortográfica

fica quanto a nossa, porém livre de uma normativização, uma unificação. Portanto, quanto às afirmações anteriormente feitas em relação ao caráter fonético da escrita nessa época do desenvolvimento da língua, podem ser tomadas como verdadeiras apenas se se fizer a ressalva de que, embora inadequadamente, o termo “fonético” é, nesses casos, usado em oposição a “etimológico” – e não no seu sentido primeiro de “transcrição fiel da fala”. Assim procedendo, estaremos nos livrando das armadilhas a que o rótulo pode conduzir, através da utilização de uma terminologia mais adequada.

#### BIBLIOGRAFIA

- BUENO, F. da S. (1963) *Estudos de filologia portuguesa*. 4. ed. São Paulo, Saraiva.
- CAGLIARI, L. C. (1986) A ortografia na escola e na vida. *Isto se aprende com o ciclo básico*. Projeto Ipê, Curso II, CENP-SE-SP, p. 97-106.
- \_\_\_\_\_ (1990) Escrita e lingüística histórica. Campinas, UNICAMP/IEL. ms.
- \_\_\_\_\_ (1993) A origem das letras do alfabeto. *Ciência Hoje*, 17, n. 98, p. 20-7.
- \_\_\_\_\_ (1994) O que é a ortografia? *Estudos Lingüísticos XXIII – Anais de Seminários do GEL*. São Paulo, CNPq/GEL, 1, p. 552-9.
- CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL (COLOCCI – BRANCUTI) (1982) Cod. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa, Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- COUTINHO, I. de L. (1954) *Pontos de gramática histórica*. 3. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica.
- CUNHA, C. F. da (1956) *O Cancioneiro de Martin Codax*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.
- HALLE, M. & KEYSER, S. J. (1971) *English stress: its form, its growth, and its role in verse*. New York, Harper & Row.
- HAUY, A. B. (1989) *História da língua portuguesa I – Séculos XII, XIII e XIV*. São Paulo, Ática.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1993) Escrita ideográfica e escrita fonográfica. *Jornal da Alfabetizadora*. Ano V, 28, p. 18-20.
- \_\_\_\_\_ (1995) *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em português*. Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP.
- MATTOS E SILVA, R. V. (1989) *Estruturas trecentistas – elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (1991) *O português arcaico: fonologia*. São Paulo, Contexto.
- MATTOSO CÂMARA JR., J. (1975) *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro, Padrão.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Escrita do Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa: fonética ou ortográfica?*

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. (1912-3) *Lições de filologia portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) seguidas das Lições práticas de português arcaico*. Rio de Janeiro, Martins Fontes.

NARO, A. J. (1973) *Estudos diacrônicos*. Petrópolis, Vozes.

NUNES, J. J. (1969) *Compêndio de gramática histórica portuguesa – fonética e morfologia*. 7. ed. Lisboa, Livraria Clássica Editora.

\_\_\_\_\_. (1973) *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa, Centro do Livro Brasileiro. 1. ed.: 1926/1929.

SILVA NETO, S. da (1986) *História da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro, Presença/INL. 1. ed.: 1957.

VASCONCELLOS, J. L. de (1959) *Lições de filologia portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, Livros de Portugal.

**Abstract:** There is a common belief, in several philological studies, that Medieval Portuguese writing was phonetically bounded. In this article, some important aspects of it are discussed, based on the analysis of *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* writing system. Medieval Portuguese writing classification as phonetically bounded is questioned and favourable arguments towards classifying it as orthographic are presented.

**Keywords:** medieval Portuguese, writing systems, phonetic writing, orthography.